

V. 06, N.28 Jul./Dez. 2025

A FILOSOFIA NARRATIVISTA DA HISTÓRIA E SEU CONTEXTO

THE NARRATIVIST PHILOSOPHY OF HISTORY AND ITS CONTEXT

LA FILOSOFÍA NARRATIVISTA DE LA HISTORIA Y SU CONTEXTO

1

Luiz Henrique Bechtluft Bade

Universidade Católica de Petrópolis

ORCID – <https://orcid.org/0000-0001-6237-0929>

Resumo: O artigo que segue buscar situar o Narrativismo (ou Filosofia Narrativista da História) conceitual e historicamente no âmbito geral da Filosofia da História. Para tanto, as três noções fundamentais de tal postura filosófica relativa à História (segundo Kuukkanen, 2015) serão expostas e, em seguida, inseridas na trama dos desenvolvimentos que levaram à transição da Filosofia Especulativa da História à Filosofia Analítica da História e desta ao Narrativismo. Com tais passos, busca-se melhor entender o conceito de Narrativismo, essencial para os debates contemporâneos em Teoria e Filosofia da História (e mesmo em Historiografia). A partir dos debates a seguir, portanto, objetiva-se uma delimitação, tão rigorosa quanto possível, do conceito de Narrativismo.

Palavras-chave: Narrativismo. Teoria da História. Filosofia da História.

Abstract: The following article seeks to situate Narrativism (or Narrativist Philosophy of History) conceptually and historically within the general framework of the Philosophy of History. To this end, the three fundamental notions of this philosophical stance on History (according to Kuukkanen, 2015) will be set out and then inserted into the fabric of the developments that led to the transition from the Speculative Philosophy of History to the Analytical Philosophy of History and from there to Narrativism. With these steps, we seek to better understand the concept of Narrativism, which is essential for contemporary debates in Theory and Philosophy of History (and even in Historiography). The following debates will therefore aim to delimit the concept of Narrativism as rigorously as possible.

Keywords: Narrativism. Theory of History. Philosophy of History.

Resumen: El siguiente artículo pretende situar conceptual e históricamente el Narrativismo (o Filosofía Narrativista de la Historia) en el marco general de la Filosofía de la Historia. Para ello, se expondrán las tres nociones fundamentales de esta postura filosófica sobre la Historia (según Kuukkanen, 2015) y, a continuación, se insertarán en el entramado de los desarrollos que condujeron a la transición de la Filosofía Especulativa de la Historia a la Filosofía Analítica de la Historia y de ahí al Narrativismo. Con estos pasos, se pretende comprender mejor el concepto de Narrativismo, esencial para los debates contemporáneos en Teoría y Filosofía de la

Historia (e incluso en Historiografía). Por ello, los siguientes debates tendrán como objetivo delimitar el concepto de Narrativismo de la forma más rigurosa posible.

Palabras clave: Narrativismo. Teoría de la Historia. Filosofía de la Historia.

2

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O Narrativismo, ou Filosofia Narrativista da História, é tema de amplas e profundas discussões nos campos da História e da Historiografia desde os anos 70. Como tal, é objeto de volumosa literatura, escrita por uma grande variedade de autores, coisa que demonstra o peso dessa posição filosófica relativa à História.

O artigo que segue busca sintetizar algumas das ideias mais fundamentais do Narrativismo. Em seguida, procura inseri-las em seu contexto histórico, demonstrando suas origens no antro das discussões filosóficas da comunidade ocidental ao longo do século XX. Por fim, procura examinar mais de perto algumas particularidades dos dois mais influentes narrativistas: o estadunidense Hayden White e o neerlandês Frank Ankersmit. Com isso, o presente trabalho almeja expor a complexidade do tema, uma das principais razões para sua perpetuação nos debates em Teoria e Filosofia da História.

AS TRÊS POSIÇÕES FUNDAMENTAIS DO NARRATIVISMO

Em poucas palavras, o Narrativismo¹ (ou Filosofia Narrativa da História) pode ser denotado como um estágio da história da Filosofia da História,

¹ Uma clarificação imediata faz-se necessária. Dita explicação relaciona-se com o próprio conceito trabalhado no presente texto.

O termo “Narrativismo”, ou mesmo a categoria de “Filosofia narrativista da História”, pode denotar dois padrões de pensamento observados na filosofia ocidental a partir da segunda metade do século XX. O primeiro dos fenômenos em questão diz respeito a uma abordagem que prioriza uma suposta estrutura narrativa na esfera mesma da experiência do mundo, e que seria reproduzida pelo(s) texto(s) historiográfico(s). Dentro de uma tal abordagem, a significação da Historiografia dá-se por sua capacidade de reativar, de tornar presente, dita estrutura narrativa da vida.

Uma segunda denotação do conceito diz respeito à abordagem segundo a qual os fatores significativos para a compreensão da produção historiográfica jazem na obra narrativa encarada como um todo, i. e. irredutível, por exemplo, à soma dos valores de verdade de

observado a partir da segunda metade do século XX². Frequentemente, associa-se seu surgimento no campo das Humanidades com a propagação, para a História, do chamado *Giro Linguístico*, fenômeno que tomou a filosofia ocidental na virada do século XIX para o XX³.

Como algumas das características gerais dessa fase da produção do conhecimento, podem-se destacar três: uma preocupação acentuada com a linguagem do historiador, uma análise dos processos de produção do conhecimento fundamentadas na ideia de representação textual do mundo e o chamado *construtivismo*, i. e. a ideia de que quaisquer esquemas explicativos de que lançam mão os historiadores são um fruto da imaginação criativa do próprio pesquisador na mesma medida em que são inferidos a partir do processo investigativo. Alguns esclarecimentos imediatos são necessários.

Assim postula a posição narrativista⁴: quando de sua produção, o historiador vale-se, mesmo que inconscientemente, de uma série de

suas afirmações individuais (como quiseram não poucos autores do padrão de pensamento comumente denominado “Filosofia crítica da História”, ou mesmo “Filosofia analítica da História”). De acordo com essa forma de enxergar o conceito de Narrativismo, seria a estrutura narrativa uma particularidade do texto (ao menos não é necessário para essa posição pressupor uma estrutura narrativa da própria experiência humana no mundo), a qual fornece as condições para a produção do conhecimento historiográfico, mas também uma série de limites ao mesmo.

O filósofo da história finlandês Jouni-Matti Kuukkanen denomina a primeira interpretação do conceito como “Narrativismo Fenomenológico”, por sua tese de que a narrativa reproduz a própria experiência humana, e a segunda interpretação como “Narrativismo Cognitivo”, devido à interferência, postulada pelos filósofos e historiadores dessa matriz, da forma narrativa sobre a possibilidade de conhecimento para a Historiografia. O presente artigo propõe-se a discutir tão somente a segunda conotação do narrativismo, i. e., sua versão cognitiva. Para informações sobre a distinção proposta pelo pensador, Kuukkanen (2015).

² Convencionou-se tomar como ponto de partida do Narrativismo a publicação da (agora clássica) obra *Meta-História: a imaginação histórica do século XIX*, do crítico literário estadunidense Hayden White, no ano de 1973. De fato, a produção supracitada apresenta muitas das teses que vieram a ser fortemente associadas com a posição narrativista, se não a totalidade das mesmas. Assim sendo, o presente texto coloca-se a favor do marco em questão. Cf. White (2019).

³ Há disputas quanto ao momento a partir do qual pode-se falar num *Giro Linguístico*. Ver Surkis (2012).

⁴ No momento, o Narrativismo está sendo tratado como um padrão de pensamento unívoco, com fins de simplificação da exposição inicial. Contudo, existem sutilezas e

mecanismos linguísticos (denominados *tropos* por Hayden White. Cf. White, 1994). Esses mecanismos representam a possibilidade do enredamento (*emplotment*, outro conceito particularmente caro à análise whiteana) do material com o qual o historiador lida, mas também coloca limites às possibilidades criativas do trabalho historiográfico. Com particular ênfase no papel exercido pela linguagem quando tomada como um todo⁵, o Narrativismo foca suas análises no poder da mesma em influenciar as possibilidades cognitivas da Historiografia⁶.

Ademais, o representacionalismo faz-se essencial para a compreensão do Narrativismo enquanto posição filosófica relativa à produção do conhecimento historiográfico. Para compreender tal característica da filosofia narrativista, é pontual consultar a obra de Frank Ankersmit, outro dos autores mais célebres comumente associados à posição em questão. Diz o neerlandês que

every narratio has one or more subjects. Misleading though this statement may be in some respects we may accept it for the moment. If we take a reductionist, or narrative realist view of the narratio (...) we have little difficulty in determining the subjects of a narratio - such as a biography of Napoleon - the individual statements of the biographical narratio that assert something about Napoleon, refer to the historical Napoleon, the human being of flesh and blood who lived from 1769 to 1821 and became Emperor of the French. (...) However, from the point of view of the narratio or of narrative idealism, the individual statements of the narratio should be thought of as each contributing something to the "image" or "picture" of

nuances nas argumentações de seus principais defensores, as quais serão destrinchadas posteriormente.

⁵ I. e., enquanto um produto para o qual contribuem todas as afirmações individuais. Para entender tal imagética, é útil pensar num quadro pintado por um artista. As figuras individuais fazem sentido dentro do contexto geral que constroem, e apenas a pintura como um todo pode ser tida como portadora de significado.

⁶ Em termos ligeiramente mais técnicos, a posição narrativista (em especial Hayden White) coloca que há um determinado número de padrões, desenvolvidos no antro das comunidades humanas, que estabelecem critérios estéticos (e mesmo políticos) que delimitam com alguma rigidez as possibilidades de enredamento do conteúdo historiográfico. Em outras palavras, como o próprio White famosamente afirma, há um conteúdo na forma elegida pelo historiador quando de sua produção. Para uma reflexão quanto às relações entre estética e epistemologia, cf. Bade & Ricon (2023).

Napoleon's life and times that his biographer wants to present to his public. (1983, p. 96. Grifos do autor)⁷

Em outras palavras, o texto historiográfico exerce uma dupla função. Descreve partes do passado e fornece ao leitor uma imagem (representação) deste.

Por fim, há a tese narrativista de que, na transição entre evento e fato⁸, existe uma gama de elementos construídos pelo historiador. Isto é, o Narrativismo coloca que, ao menos parcialmente, os fatos históricos são inventados, no lugar de simplesmente inferidos a partir da evidência existente⁹. A característica em questão recebe de Jouni-Matti Kuukkanen o nome de construtivismo¹⁰. Diz o autor que

⁷ "Toda narratio tem um ou mais sujeitos. Perigoso como essa afirmação pode ser em alguns quesitos, nós podemos aceitá-la por hora. Se adotarmos uma postura reducionista ou narrativamente realista da narratio (...) temos pouca dificuldade em determinar os sujeitos de uma narratio - a exemplo de uma biografia de Napoleão - as afirmações individuais da narratio biográfica que afirmam algo sobre Napoleão, referem-se ao Napoleão histórico, o ser humano de carne e sangue que viveu de 1769 a 1821 e tornou-se imperador dos franceses (...). Contudo, do ponto de vista idealista da narratio ou idealismo narrativo, as afirmações individuais devem ser pensadas como contribuindo em algo para a "imagem" da vida e época de Napoleão que seu biógrafo quer apresentar a seu público". Tradução minha.

⁸ Como colocada em White (1987), a especificação pode ser posta nos seguintes termos: "evento" é qualquer acontecimento no devir histórico em si, independente de sua representação narrativa numa produção historiográfica. O assassinato do arquiduque Francisco Ferdinando, portanto, constitui-se como evento no sistema proposto por White. "Fato", por outro lado, é qualquer evento representado narrativamente como parte de um conjunto maior, uma trama (*plot*) construída pelo historiador em seu ato figurativo do passado. Assim sendo, falar num Renascimento constitui postular um fato, uma vez que atribui-se ao(s) evento(s) uma carga conceitual não necessariamente presente no(s) acontecimento(s) descrito(s) pela obra historiográfica.

⁹ Essa afirmação, atribuída principalmente a Hayden White, é razão de alguma polêmica entre historiadores e filósofos da História. Contudo, é possível defender que a posição em questão é, frequentemente, mal interpretada. A tese defendida pelo Narrativismo postula que fatos históricos são ao menos parcialmente inventados apenas na medida em que as narrativas construídas pelos historiadores colocam conexões e relações entre os eventos do devir que não necessariamente existiram ou foram enxergadas no próprio momento de seu acontecimento. Nesse sentido, a ideia construtivista se aproxima da categoria de afirmações narrativas propugnada por Arthur Danto em seu *Analytical Philosophy of History*. Em outras palavras, defender a (parcial) construção dos fatos históricos não implica postular que estes são falsos, arbitrários ou desprovidos de significado.

¹⁰ Op. Cit., p. 37-44.

the past as a 'historical landscape' is not available to the historian, as mountains and seashores are for the cartographer. One cannot compare and model one's representation to any tangible and observable object. For this reason, the historian has no other option but to construct a *narratio* in the most concrete terms. Historiography is thus in a trivial sense a constructivist endeavor as opposed to research that discovers or finds that which exists there prior to any investigation. This is the sense in which the historian constructs a *narratio*, which is 'lent' or 'pressed' onto the past, and we might say that only then does the past become intelligible (op. cit., p. 37)¹¹

Muito da Filosofia da História que sucede o Narrativismo (já adentrando o século XXI) constitui uma série de tentativas de resposta aos desafios colocados por essa posição filosófica. Em particular, as sugestões de seus principais defensores de que há pouco ou nenhum conteúdo epistemológico a extrair da produção e leitura de textos historiográficos faz-se tema de profundas, frequentes e intensas desavenças no campo disciplinar da História¹². Contudo, mesmo diante de variadas e numerosas críticas, ainda não se pôde descartar definitivamente a posição narrativista.

DA FILOSOFIA ESPECULATIVA DA HISTÓRIA AO NARRATIVISMO

Na virada do século XIX para o século XX, estavam em voga posições filosóficas atualmente agrupadas sob o conceito de Filosofias Especulativas

¹¹ "O passado enquanto uma 'paisagem histórica' não está à disposição do historiador, como montanhas e costas estão para o cartógrafo. Aquele não pode comparar e modelar sua representação em vista de nenhum objeto tangível e observável. Por essa razão, o historiador não tem outra opção que não construir uma *narratio* em termos mais concretos. A Historiografia é, portanto, um procedimento construtivista num sentido trivial, no lugar de uma investigação que revela ou descobre aquilo que existe anteriormente a qualquer investigação. É nesse sentido que o historiador constrói uma *narratio*, que é 'emprestada' ou 'pressionada' contra o passado, e pode-se dizer que apenas nesse momento o passado se torna inteligível.". Tradução minha.

¹² Assim como o argumento de que fatos históricos são ao menos parcialmente inventados, a ideia supracitada foi, por muitas vezes, interpretada de forma imprecisa pelos críticos do Narrativismo. A ausência (ou obstaculização) de critérios epistemológicos de julgamento sobre trabalhos historiográficos não implica uma arbitrariedade completa em relação às comparações entre os mesmos. Meramente coloca que os critérios a serem buscados dão de outra natureza. Hayden White vale-se de critérios políticos para analisar as obras dos historiadores, enquanto Ankersmit procura na ética a "réguia" para as comparações entre as mesmas. Cf. Paul, op. cit.

da História¹³. Representadas por autores como Immanuel Kant (1724-1804), Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), Arnold Joseph Toynbee (1889-1975) e Oswald Arnold Gottfried Spengler (1880-1936), ditas filosofias pregavam a possibilidade, mais ou menos empiricamente fundamentada, de inferir padrões e regras para o devir histórico. Como parte de suas pressuposições metafísicas, tais posições filosóficas também pregavam a possibilidade de “prever”, a partir do processo investigativo supracitado, o “fim da história”, ponto culminante dos esforços e da natureza humana no tempo¹⁴.

Após a Primeira Guerra Mundial, fenômeno que abalou profundamente a crença prévia no progresso e na continuidade dos desenvolvimentos humanos, começaram a ruir os padrões explicativos desta natureza no mundo acadêmico. Já no âmbito da pesquisa em filosofia, uma nova tendência surgia, projetando-se com alguma imponência pela Europa (em especial, na Europa insular): a chamada Filosofia Analítica. Em particular, um galho da nova tendência fez-se crucial para o desenvolvimento da resposta aos amplos esquemas explicativos da Filosofia Especulativa da História: o Círculo de Viena, ativo entre os anos de 1922 e 1936, cuja proposta teórica, denominada positivismo lógico¹⁵, influenciou o

¹³ Termo cunhado, entre outros, por William Henry Walsh (1951), Patrick Gardiner (1952) e William Dray (1964).

¹⁴ Cada sistema explicativo agrupado sob a categoria de Filosofia Especulativa da História coloca uma teleologia distinta. Para Hegel, o fim da história dar-se-ia com o Estado-Razão, condição de desenvolvimento pleno da liberdade do Espírito. Para Spengler, numa interpretação mais pessimista do devir humano, haveria um processo de declínio, culminante com a própria destruição do modo de vida ocidental. De qualquer forma, sempre há uma argumentação “semi-escatológica” (ver Koselleck, 2006, p. 21-60).

¹⁵ Talvez, a contribuição mais decisiva do positivismo lógico para fazer ruir os pilares da Filosofia Especulativa da História tenha sido o chamado princípio da verificabilidade, segundo o qual todas as proposições significativas têm de apresentar uma de duas formas. Ou são proposições analíticas e apriorísticas, a exemplo das afirmações matemáticas e lógicas (caso em que são conhecidas sem a necessidade da experiência) ou são proposições verificáveis empiricamente, via algum tipo de experimento ou investigação em laboratório. De acordo com tais teses, o que a especulação de um Hegel ou Spengler faz não pode ser tido como significativo, visto que a teleologia dessa(s) Filosofia(s) da História não pertence a nenhum dos dois tipos tidos em alta estima pelos do Círculo de Viena e seus entusiastas. Para uma exposição clara dos princípios do positivismo lógico, cf. Ayer (1971).

ambiente de pesquisa nas humanidades com alguma força. Ao término da Segunda Guerra Mundial, as ideias derivadas do grupo em questão já se haviam tornado hegemônicas¹⁶, ao menos no mundo anglófono¹⁷.

A partir da atuação do Círculo de Viena, e de seus agentes intermediários no campo da História (notoriamente Carl Hempel), passou-se a distinguir, com rigor, entre interesses legítimos e ilegítimos para a pesquisa em História (e nas humanidades como um todo). Assim, a lógica e a epistemologia passaram a ter primazia nos tentos explicativos, e a metafísica foi rebaixada à categoria de pseudo-explicação, ou mesmo taxada como desprovida de significado em sua totalidade¹⁸.

O resultado do embate supracitado foi a formulação de um novo paradigma para a produção do conhecimento em História, não mais preocupado em inferir grandes movimentos no devir histórico em si ou em especular sobre o ponto culminante da história humana. Em vez disso, a chamada Filosofia Crítica da História passou a ocupar-se de reflexões a respeito do processo epistemológico do historiador. As perguntas que essa nova Filosofia da História passou a colocar direcionavam-se às explicações em História, à própria possibilidade do conhecimento historiográfico e ao

Para uma exposição direcionada à aplicação dos princípios positivistas à História, Hempel (1942).

¹⁶ Para se ter uma ideia, mesmo autores que não participavam diretamente do círculo, como Karl Popper (1902-1994) e autores que criticavam em alguma medida as pressuposições do positivismo lógico, como Ludwig Wittgenstein (1889-1951) produziram argumentos no mínimo próximos àqueles dos positivistas lógicos mais celebrados (Carnap, Schlick, Neurath, entre outros). De fato, a rejeição da metafísica fazia-se um dos mais presentes tópicos da discussão filosófica na primeira metade do século XX. Cf. Popper (1975), Wittgenstein (2010) e Schlick & Carnap (1980). Destaca-se a influência do pensamento de ambos, Popper e Wittgenstein, a qual, certamente, contribuiu para a desbandada dos filósofos da História da posição substantiva.

¹⁷ É imperativo comentar que a cronologia brevemente descrita acima aplica-se tão somente à Filosofia da História. Nos campos da Teoria da História e da prática historiográfica propriamente dita, os grandes esquemas teleológicos passaram a ser escanteados já em fins do século XIX. No século XX, com os desenvolvimentos no paradigma do materialismo histórico-dialético, assim como na sociologia weberiana e durkheimiana, e com críticas feitas à História enquanto campo disciplinar por autores como Simiand, já se havia observado uma “empiricização” do campo disciplinar, como observado por Jaume Aurell em seu *A Escrita da História* (2010).

¹⁸ Sobre esse assunto, Ohara (2022, p. 4) e Ahlskog (2018, p. 87-88).

lugar da História no espaço geral das ciências. Seria a História uma ciência completa? Como um historiador pode explicar seus fenômenos, quando não os pode observar diretamente ou controlá-los em laboratório, como faz um físico? É a explicação histórica um ramo *sui generis* dentro do padrão explicativo da ciência como um todo? A Filosofia Crítica da História trouxe à baila questões desse tipo, fundamentada na crença positivista da unidade última da ciência e nos desenvolvimentos da Filosofia Analítica. Apesar de ainda ter precisado lutar por espaços (no mínimo) até o começo dos anos sessenta¹⁹, é justo afirmar que, no começo da década de 1970, a Filosofia Crítica da História fizera-se realmente hegemônica no cenário europeu (cf. Kuukkanen, op. cit., p. 14-16).

Em 1973, o crítico literário Hayden V. White publica um trabalho que, não muito depois, passaria a ser encarado como o momento fundante de uma nova forma de pensar a filosofia da história. Seu *Meta-História: a imaginação histórica do século XIX* marcou, em muitas instâncias, uma resposta àquilo que vinha sendo feito no campo em questão.

Situar, contudo, a celebrada obra do estadunidense é mais do que pertinente para que se compreendam os desenvolvimentos que levaram ao Narrativismo enquanto campo consolidado de pesquisa. De fato, já no final do ínterim hegemônico da Filosofia Crítica da História, surgiram autores cujas posições os situavam num “pré-narrativismo”, ou mesmo enquanto “narrativistas emergentes” (Kuukkanen, 2015, p. 16). Como o finlandês coloca,

as in the discussion on explanation, there were two sides in the debate of the early narrativists. A number of scholars, such as Arthur Danto, W. B. Gallie, Louis Mink and Morton White suggested that narrativity is characteristic for historiography and distinguished it from the sciences. On the non-narrativist side, opposing the view that takes narrative as an essential feature of historiography, we find

¹⁹ Com William Henry Walsh afirmando, já na introdução de seu célebre trabalho, que “quem escreve sobre filosofia da história, pelo menos na Grã-Bretanha, deve começar justificando a própria existência de seu assunto” (op. cit., p. 11).

Mandelbaum and Behan McCullagh and a few others supporting their line of argumentation. (op. cit., p. 16)²⁰

Com efeito, em fins da década de 1960, pareciam esgotadas as possibilidades de explicar o campo disciplinar da História e as práticas do historiador por meio de alusões às leis gerais, às explicações nomotéticas ou "semi-nomotéticas"²¹. O trecho supracitado sugere que, já nos anos que precedem o surgimento do Narrativismo, passa a haver uma preocupação imensa com a forma narrativa e suas relações com as possibilidades epistemológicas em História²². De fato, em Gallie (1968), vê-se o argumento de que a principal tarefa de um historiador quando de sua produção é confeccionar uma "estória" a ser seguida pelo leitor. Em Danto (1968), o famoso argumento das afirmações narrativas colocava-se muito próximo ao que passaria a ser norma dos anos 70 em diante. Louis Mink apresenta toda uma coletânea de ensaios dedicada a discutir a narrativa como modo explicativo típico da História²³. Todos os trabalhos expostos representam avanços em direção ao que Hayden White postularia no começo da década de 1970.

A filosofia ocidental também se havia distanciado dos pressupostos que levaram à Filosofia Crítica da História. Em particular, com a segunda fase

²⁰ "Na discussão sobre explicações, havia dois lados no debate dos narrativistas emergentes. Alguns acadêmicos, como Arthur Danto, W. B. Gallie, Louis Mink e Morton White sugeriam que a narratividade é característica da historiografia e a distingue das ciências. Do lado não-narrativista, opondo-se à visão que coloca a narrativa como um elemento essencial da historiografia, encontramos Mandelbaum e Behan McCullagh, e alguns outros sustentando sua linha argumentativa". Tradução minha.

²¹ A exemplo dos *explanation sketches* defendidos por Carl Hempel (1942).

²² Kuukkanen coloca autores como Mink e Gallie como narrativistas emergentes. O presente texto, contudo, adota uma posição um pouco mais cautelosa, categorizando-os enquanto pré-narrativistas. A razão para dita taxonomia se encontra no fato de que, embora Morton White, Gallie, Mink e outros autores desse contexto tenham pensado a narrativa como a forma explicativa primária (ou mesmo única) da História, algumas outras características essenciais ao que hoje se chama de Narrativismo estão ausentes nas obras de ditos autores. Contrapondo-se a Hayden White e a Frank Ankersmit, os três pensadores em questão não questionam a possibilidade epistemológica da narrativa enquanto meio de produção do conhecimento. Isto é, Gallie, Mink e Morton White enxergam a narrativa como algo "transparente", amplamente desprovido de problemas, embora estejam prontos para admiti-la enquanto característica essencial da explicação histórica.

²³ Cf. seu *Historical Understanding*, de 1987.

intelectual de Ludwig Wittgenstein²⁴, uma tradição amplamente distinta daquela que governara as primeiras quatro décadas do século XX fora inaugurada. Representada por filósofos da linguagem como John Searle²⁵, John Langshaw Austin²⁶ e Peter Strawson²⁷ (além, evidentemente, do próprio Ludwig Wittgenstein), esse novo estágio tinha como característica a percepção de que há mais na linguagem do que aquilo que passou a ser denominado sentenças declarativas²⁸. Asserções de muitas sortes passaram a ser objeto de análise para a filosofia da linguagem ocidental, e a comunidade intelectual em questão passou a postular uma natureza multifacetada da linguagem. Isso, contudo, também exigia uma revisão dos mecanismos pelos quais as diversas áreas da produção do conhecimento produzem seus enunciados, e a História não foi exceção às novas investigações.

Hayden White se encontra, portanto, inserido num contexto em que uma crítica mais abrangente dos pressupostos epistemológicos (e mesmo metafísicos) da Historiografia já se projetava. Com efeito, havia uma sensação de separação entre aquilo que pesquisavam os filósofos críticos/analíticos da História e a prática real dos historiadores, com algumas críticas lançadas a esse campo da Filosofia da História acusando-a de ser uma prática de filósofos, e tão somente de filósofos²⁹. Com White, contudo, haveria uma aproximação entre os dois campos.

²⁴ Representada, entre outras obras, por suas *Investigações Filosóficas* (1999).

²⁵ Cf. *Speech Acts* (1970).

²⁶ *How to do Thing with Words* (1962).

²⁷ *Indivíduos: um ensaio de metafísica descritiva* (2019).

²⁸ Na Filosofia da Linguagem, uma sentença declarativa consiste num construto linguístico que pretende descrever verdadeiramente um estado de coisas. "O gato está sobre a mesa" é um exemplo de sentença declarativa. Com os desenvolvimentos da segunda metade do século XX, a Filosofia da Linguagem diversificou seu escopo de análise, passando a refletir sobre sentenças de outras naturezas, a exemplo de promessas ("prometo lhe pagar amanhã"), atitudes proposicionais ("João acredita que p") e outras modalidades linguísticas. Evidentemente, tal movimento alterou profundamente as posições filosóficas relativas à linguagem. Cf. Rorty (1992).

²⁹ O sentimento, em verdade, permanece até tempos hodiernos. Numa entrevista concedida a Marek Tamm, à revista *Rethinking History* (2016), Frank Ankersmit é categórico

O Narrativismo do autor estadunidense trouxe à baila a escrita da História, seus procedimentos específicos e os problemas que derivavam da mesma. Não pretendia o crítico literário especular sobre os fins últimos do devir humano, nem analisar a (in)existência de leis gerais ou a possibilidade de explicações nomotéticas/dedutivas no campo disciplinar da História, mas sim entender que relação a produção historiográfica, celebremente definida por Hayden White como “uma estrutura verbal na forma de um discurso narrativo em prosa” (2019, p. 11), desenvolvia com o passado histórico, que possibilidades cognitivas/epistemológicas o eixo texto/realidade permitia (ou inibia). Dessa forma, White trouxe a Filosofia da História para perto da prática Historiográfica corrente. Contudo, o estadunidense não pode ser considerado a única figura determinante nesse movimento de aproximação. O próximo segmento tratará da discussão das obras de White, assim como de outra das mais importantes figuras na história do Narrativismo: o neerlandês Frank Ankersmit³⁰.

HAYDEN WHITE

Como já exposto, o nome mais comumente associado à Filosofia Narrativista da História é o do crítico literário Hayden V. White (1928-2018). Sua influência na produção de conhecimento em História, especialmente reconhecida em sua obra *Meta-História: a imaginação histórica do século XIX* (1973), tornou-se inegável, com alguns autores chegando a afirmar que White produziu contribuições indispensáveis para qualquer discussão relativa à Historiografia posteriores a seus textos. De fato, o também clássico Louis Mink, poucas semanas após a publicação do livro supracitado, classificou-o

em afirmar: “I've always believed that there is in historical writing a lesson of the greatest importance for all of philosophy and that up till now philosophers have rarely, or never been open to.”.

³⁰ Todas as informações biográficas a respeito de Hayden White foram retiradas de Paul (2011). A respeito de Ankersmit, a fonte utilizada foi Menezes (2018).

como “the book around which all reflective historians must reorganize their thoughts on history”³¹ (op. cit., p. 22)

White é uma figura complexa de analisar. Sua formação perpassou diversos períodos, não necessariamente coerentes do ponto de vista teórico (como nota Herman Paul em sua biografia do estadunidense), em que o autor absorveu influências do presentismo de Benedetto Croce, tal qual das categorias de intuição/imaginação criativa propugnadas pelo mesmo autor³², da sociologia weberiana³³ e do existencialismo (utilizado por White desde seus estágios formativos iniciais como um guia de ação política³⁴). O autor, em verdade, chegou a flertar com a gramática estruturalista de autores como Noam Chomsky e Claude Lévi-Strauss, já num estágio mais maduro de sua produção intelectual³⁵, extraíndo desse contato algumas noções fundamentais à teoria dos tropos literários que o tornaria tão comentado no mundo acadêmico³⁶. Posteriormente, sua produção direciona-se com mais veemência à teoria estética e à teoria política³⁷, momento particularmente identificável em seu *The Content of the Form* (1987). Já nesse período, as preocupações do autor deixaram de relacionar-se com os tropos de que se valem as produções historiográficas para dar

³¹ “O livro em torno do qual todos os historiadores críticos devem reorganizar seus pensamentos a respeito da história”. Tradução minha.

³² O ínterim em questão, em que se tem o que Paul denomina *the Italian White* (o White italiano), estende-se pela década de 1950, a qual representa o último estágio dos anos formativos de White no mundo acadêmico. Também se observa com alguma intensidade ao longo dos anos de 1960, embora tenha começado a fraquejar na segunda metade da década.

³³ White, de fato, combina as duas influências supracitadas em sua tese de doutoramento, a respeito do cisma papal de 1130.

³⁴ Fator que desemboca na defesa, por parte de White, de critérios de julgamento entre os produtos historiográficos que se relacionam com sua função política.

³⁵ Em Paul (op. cit., p. 85), dito período é identificado como tendo ocorrido, aproximadamente, entre os anos de 1973 e 1978, período em que White mudou-se para Connecticut para assumir o comando do Centro de Humanidades da Universidade Wesleyana, em Middletown.

³⁶ Embora a principal inspiração para dita teoria tenha sido uma outra tropologia: a do crítico literário canadense Herman Northrop Frye (1912-1991). Cf. Frye (1971).

³⁷ Período esse observável a partir do final da década de 1970 (particularmente após 1978), prolongando-se até meados dos anos de 1990.

sentido ao material bruto com que trabalham, passando a tentar compreender o próprio processo de fabricação “mítica” (*myth-making*) pelo qual uma realidade histórica sublime é transfigurada em algo (mais ou menos) ordenado, momento em que se passa ao campo do belo³⁸. Aqui, as influências de White foram Claude Lévi-Strauss (uma vez mais) e, em menor medida, Roland Barthes. Naquilo que é identificado por Paul como o último grande estágio teórico de White, já não se pode pensar no autor como um pós-modernista, como diversas análises colocam. Em verdade, defende Paul, ao longo dos anos 90, Hayden White se converte num “arquimodernista”, pensando tópicos como a escrita intransitiva e procurando meios de amenizar as armadilhas da escrita histórica, já com fins de orientar a ação política do homem³⁹.

O estilo de escrita whiteano também oferece dificuldades para análises concretas de seus posicionamentos teóricos. Com efeito, o filósofo fez-se notório por sua preferência à forma ensaística, havendo publicado um volume considerável de peças dessa natureza, em que afirmações explosivas tornavam-se alvo de interpretações por vezes não muito acuradas. Poucas obras publicadas por Hayden White tomaram a forma de estudos de maior fôlego⁴⁰. Contudo, é possível perceber algumas permanências na produção acadêmica do autor.

Em primeiro lugar, como resultado de seu (já mencionado) compromisso com o humanismo existencialista, White procurou, ao longo de muito de sua carreira universitária, trabalhar a díade passado histórico/passado prático⁴¹. Grande parte da crítica do autor à produção

³⁸ Cf. Kant (2018) para uma análise dos conceitos de belo e sublime dos quais White se vale em suas análises.

³⁹ O humanismo existencialista, que tanto impressionou White em seus anos formativos, na prática nunca abandonou a produção intelectual do estadunidense. Ao menos assim enxerga Herman Paul em sua biografia.

⁴⁰ Seu *Meta-História* foi a única obra mais volumosa pensada como tal desde o começo. As demais obras de maior fôlego são apanhados de ensaios, o que não contribui para sua coerência geral.

⁴¹ Cf. Oakeshott, 2003.

historiográfica advém do fato de que esta não exerce (ao menos não com a intensidade desejada por White) sua devida função de orientação da experiência humana no mundo, assim como de guia político aos grupamentos humanos.

Depois, talvez como resultado da primeira questão, é possível detectar a permanência da questão do enredo (*employment*) nas produções whiteanas. Embora sua abordagem quanto a como enredos operam tenha mudado (de uma postura inspirada no estruturalismo em *Meta-História* para uma inspirada numa teoria estética propriamente dita em *The Content of the Form*), a apreensão narrativa do devir histórico fez-se tema constante nas produções de Hayden White.

15

Uma postura radicalmente contrária à “simplificação” da História e da Historiografia é uma outra marca do pensamento de Hayden White. Com efeito, o autor evitou posicionar-se ingenuamente em relação à escrita da história. Como já discutido, talvez essa tenha sido a principal marca da Filosofia Narrativista da História como um todo, e White representa claramente a posição em questão⁴².

De fato, pode-se dizer que Hayden White abriu as portas para muitos autores, a partir de sua posição teórica inovadora⁴³, mas também por sua atitude quanto à função da História. A partir de suas contribuições, muitos outros pensadores puderam fundamentar suas análises. Um dos mais notórios dos influenciados por White será prontamente analisado.

⁴² Embora, em seu *The Content of the Form*, White tenha enxergado a linguagem como “transparente” ao analisar as crônicas medievais (afirmando que, nesse caso, a veracidade do relato pode ser analisada em termos da teoria da correspondência), seu ponto relativo a isso é que, no caso da crônica, não há um enredo por detrás do conjunto de afirmações registradas. Sempre que há narrativa há enredo, o que implica a impossibilidade de falar em correspondência ou qualquer teoria da referência/verdade “simplista”, como quiseram os filósofos analíticos da História.

⁴³ Embora, como já discutido, muito do terreno desbravado por White já tivesse sido preparado anteriormente.

FRANK ANKERSMIT

Uma das figuras mais influentes na Filosofia Narrativista da História pós-Hayden White, o holandês Franklin Rudolf Ankersmit faz-se notar por suas reflexões, densas e de amplo escopo, sobre a lógica e a semântica do processo de escrita da História (numa primeira fase intelectual) e, posteriormente, sobre categorias como significado, referência e verdade em suas relações com o supracitado processo. Diferentemente de White, o estilo de Ankersmit é mais direto e filosoficamente carregado⁴⁴, assim como mais sistemático (especialmente em seu *Narrative Logic*).

O elemento de mais notoriedade na filosofia da história defendida pelo neerlandês é a influência de Leibniz nas concepções metafísicas que levam às teses do autor. O pensamento monádico⁴⁵, com o qual Ankersmit entra em contato ainda muito cedo em sua formação, veio a inspirar profundamente a categoria analítica de substâncias narrativas, central para as análises do pensador.

Sumariamente, uma substância narrativa (*narrative substance*, frequentemente tratada por Ns na obra de Ankersmit) pode ser entendida em oposição aos sujeitos narrativos (*narrative subjects*), outra categoria de

⁴⁴ Possivelmente, tal diferença pode ser entendida em termos da formação acadêmica e das influências de cada um dos autores em questão. Não se pode separar as análises de Hayden White de sua proximidade com a teoria literária e a profunda influência sobre ele exercida por autores como Northrop Frye. Ankersmit, por outro lado, teve uma formação já dentro do campo da Filosofia e da História, tendo seus interesses e estilo direcionados mais diretamente para as discussões trabalhadas no presente texto.

⁴⁵ Uma breve digressão é necessária para fins de esclarecimento da categoria utilizada. O filósofo Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716), considerado, junto a Spinoza e Descartes, uma das principais figuras do Racionalismo (movimento de profunda influência na Filosofia Ocidental), fez-se famoso por sua metafísica, fundamentada no conceito de *mônada*. Para Leibniz, os componentes fundamentais da realidade não poderiam ser materiais, visto que a matéria tem como característica ser divisível (*complexa*, no vocabulário leibniziano) e, portanto, passível de ser decomposta em elementos mais fundamentais (*simples*). Uma *mônada*, assim, seria um componente imaterial, indivisível e primário na construção de toda a realidade. Ankersmit retira desse conceito uma importante inspiração para sua Filosofia da História. Para o holandês, tal qual uma *mônada*, cada narrativa historiográfica individual constitui um elemento simples (no sentido há pouco esclarecido) no todo denominado universo narrativo.

que se vale o filósofo em seu trabalho. Um sujeito narrativo é definido por Ankersmit como aquilo, na realidade história em si, sobre o que se escreve. E., numa obra historiográfica que trata sobre Napoleão Bonaparte, a pessoa de Napoleão é o sujeito narrativo, uma vez que as afirmações que se fazem no trabalho dizem respeito àquele indivíduo de carne e sangue que viveu do fim de 1769 a 1821. Contudo, argumenta Ankersmit, a narrativa historiográfica faz mais do que meramente descrever Napoleão e seus feitos. Além disso, o livro, artigo ou ensaio também propõe uma interpretação dos elementos descritos, radicada, entre outras coisas, na seleção de fontes para o trabalho finalizado, nas convicções pessoais do pesquisador quando de sua produção, na existência de um intertexto estabelecido com os demais trabalhos produzidos sobre o mesmo tema (ou temas tangenciais). Em outras palavras, Ankersmit parte do princípio de que afirmações inseridas numa produção historiográfica exercem uma dupla função: descrevem o passado na mesma medida em que propõem interpretações para o que descrevem. O resultado final desse procedimento é uma substância narrativa, a soma da descrição com a interpretação. Nesse sentido, se existem duas ou mais narrativas sobre Napoleão (para manter o exemplo anterior), pode-se dizer que as duas têm o mesmo sujeito narrativo, mas fazem-se por meio de duas substâncias narrativas distintas.

A influência leibniziana faz-se claríssima nesse ponto da análise, uma vez que cada substância narrativa representa como que uma mònada num universo narrativo (que, por sua vez, é composto pelo conjunto de todas as Narratios produzidas pela Historiografia). É no nível das obras individuais que se encontram as peculiaridades da escrita histórica, mas nunca se pode esquecer que cada obra faz-se dentro de um plano narrativo definido, da mesma forma como as mònadas leibnizianas são entidades completas em

seu próprio direito, mas constituem um mundo conforme relacionam-se entre si⁴⁶.

Uma outra característica relativamente constante na obra de Ankersmit é sua afeição pelo Historicismo, posto em alta estima pelo holandês por sua preocupação com o particular (como visto há pouco, o particular é central para o pensamento do autor) e por ser, talvez, a única Filosofia da História desenvolvida por historiadores de fato⁴⁷. Com efeito, as duas características postas em evidência podem dialogar com alguma facilidade, visto que o pensamento monádico leibniziano é tido por alguns autores (entre os quais se encontra o próprio Ankersmit⁴⁸) como um embrião da Filosofia historicista.

18

Assim como Hayden White, Frank Ankersmit afigura-se um pensador multifacetado, cujos interesses e influências modificaram-se ao longo de sua atividade intelectual. Com um começo de produção marcadamente relacionado ao pós-modernismo historiográfico, assim como pelo pensamento monádico leibniziano, e uma fase posterior que tem como principal fator uma tentativa de “atualizar” o Historicismo para os padrões do século XXI, talvez a única preocupação transversal do autor holandês seja a de garantir o lugar da Filosofia da História enquanto campo legítimo de pesquisa e de produção do conhecimento.

Há, também, uma marcada preocupação com a Filosofia Política. Ankersmit fala decididamente a respeito do tema em seu *Meaning, Truth and Reference in Historical Representation* (2012), na introdução do último capítulo da obra, que

the claim i defend below that in whatever way one looks at the matter, political history is the basis and condition of all other variants of historical writing, including socioeconomic history, cultural history,

⁴⁶ Cf. Leibniz (2009).

⁴⁷ Em relação ao primeiro ponto, cf. Paul & Veldhuizen (2018). Quanto ao segundo, ver Menezes (op. cit.).

⁴⁸ Cf. Ankersmit (1983, p. 140-141).

and intellectual history. So Ranke and his fellow historicists were right, once again, in believing that history is basically the history of past politics - a belief that the critics always considered historicism's main sin. (p. 246)⁴⁹

A tradição historicista, para Ankersmit, acerta em sua ênfase na História Política por dois motivos. Em primeiro lugar, esta traz à baila, de forma mais evidente do que as demais abordagens historiográficas, a questão da particularidade dos elementos trabalhados. Em segundo lugar, dita modalidade da produção historiográfica está profundamente intricada na forma como o conhecimento histórico é produzido. De fato, sobre a questão da subjetividade/objetividade, Ankersmit afirma que

19

cuando lo pensamos detenidamente, nos parece extraño, de hecho, que la subjetividad de los historiadores haya estado siempre ligada tan exclusivamente a sus valores políticos y morales. ¿Por qué esto es así?, podríamos preguntarnos. Podría argüirse que la subjetividad de los historiadores - su presencia en sus propios escritos - podría deberse a muchos otros factores. Un determinado historiador podría tener preferencia por un tema histórico específico, tener determinado estilo para escribir o argumentar, pertenecer a una escuela histórica específica o simplemente demostrar en sus escritos la estupidez característica de una evidente falta de capacidades intelectuales. (2011, p. 16)⁵⁰

E continua, afirmando que

(...) ser el discípulo de una escuela histórica determinada , escribir con determinado estilo, ser característicamente estúpido y demás: todas estas cosas forman parte mucho menos del pasado histórico investigado por el historiador que nuestros valores políticos y morales,

⁴⁹ "A alegação que defendo é de que, independente da forma como se encara a questão, a história política é a base e condição para todas as demais variantes da escrita histórica, incluindo a história socioeconômica, culturas e intelectual. Então Ranke e seus semelhantes historicistas estavam certos, mais uma vez, em pensar que a história é basicamente a história da política pretérita - uma posição que os críticos sempre consideraram o principal defeito do historicismo.". Tradução minha.

⁵⁰ "Quando pensamos nisso, parece estranho, de fato, que a subjetividade dos historiadores sempre tenha estado tão exclusivamente ligada a seus valores políticos e morais. Por que isso acontece?, podemos nos perguntar. Pode-se argumentar que a subjetividade dos historiadores - sua presença em sua própria escrita - pode ser devida a muitos outros fatores. Um determinado historiador pode ter preferência por um determinado assunto histórico, ter um certo estilo de escrita ou argumentação, pertencer a uma escola histórica específica ou simplesmente demonstrar em seus escritos a estupidez característica de uma óbvia falta de habilidades intelectuais.". Tradução minha.

los cuales estarán casi siempre más íntimamente ligados a las vicisitudes del mismo proceso histórico. Los valores políticos y morales han contribuido de una manera importante al aspecto que tiene el pasado: son un componente verdaderamente fundamental del objeto de investigación del historiador. Entonces, si se va a usar el término "subjetividad" en un sentido cercano a su origen etimológico, sería más acertado llamar "subjetivo" al historiador Annalista que al historiador cuyos valores socialistas o liberales están claramente presentes en su trabajo. Hay algo realmente "objetivo" sobre los valores políticos y morales que está totalmente ausente de las afiliaciones disciplinarias, el estilo histórico o la pura estupidez personal. (idem)⁵¹

As ideias de Ankersmit, com efeito, fizeram-se tão fundantes para a Filosofia Narrativista da História quanto as de Hayden White. Por intermédio da obra do neerlandês, o Narrativismo ganhou em clareza argumentativa e, talvez, mesmo em escopo de análise.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do presente artigo, três objetivos foram perseguidos. O primeiro destes consistia em apresentar, sumariamente, algumas das ideias do Narrativismo enquanto postura filosófica relativa à História. O segundo objetivo, inserir tais ideias gerais em seu contexto histórico, foi alvejado logo em seguida. Por fim, o terceiro propósito do texto, analisar mais profundamente as ideias do Narrativismo para encontrar semelhanças e diferenças entre suas duas principais figuras, foi desenvolvido. Uma breve recapitulação é necessária.

⁵¹ "ser discípulo de certa escola histórica, escrever em certo estilo, ser caracteristicamente estúpido, e assim por diante: todas essas coisas fazem muito menos parte do passado histórico investigado pelo historiador do que nossos valores políticos e morais, que quase sempre estarão mais intimamente ligados às vicissitudes do mesmo processo histórico. Os valores políticos e morais contribuíram de maneira importante para a aparência do passado: eles são um componente verdadeiramente fundamental do objeto de investigação do historiador. Assim, se o termo 'subjetividade' deve ser usado em um sentido próximo de sua origem etimológica, seria mais correto chamar de 'subjetivo' o historiador analista do que o historiador cujos valores socialistas ou liberais estão claramente presentes em sua obra. . Há algo verdadeiramente 'objetivo' nos valores políticos e morais que está totalmente ausente de afiliações disciplinares, talento histórico ou pura estupidez pessoal.". Tradução minha.

Quanto ao primeiro tópico, viu-se que são três as posturas que caracterizam o Narrativismo num grau elevado de abstração. A ideia de que a produção historiográfica representa textualmente o passado, a ideia de que essa representação é ao menos parcialmente construída pela imaginação criativa do historiador e a ideia de que um texto só pode ser satisfatoriamente analisado e compreendido em sua totalidade são, assim, os pilares da Filosofia Narrativista da História.

21

Com relação ao segundo ponto, viu-se que ditas ideias desenvolveram-se no contexto de uma filosofia ocidental que já havia exaurido muito da capacidade analítica fundamentada em pressupostos como aqueles do Círculo de Viena. Com efeito, as movimentações observadas na Filosofia da Linguagem a partir dos anos 50, aliadas ao surgimento de filósofos da História como Mink, Gallie, Danto e outros, abriram espaço para o crescimento do Narrativismo.

Finalmente, percebe-se uma variação interna nas ideias propugnadas pelos filósofos narrativistas. De fato, Hayden White, com sua formação mais fundamentada na teoria literária, e Frank Ankersmit, formado numa comunidade mais preocupada com a Filosofia propriamente dita, criaram formas explicativas próximas em pontos-chave, mas ainda bastante dispares.

Encerra-se aqui a análise do Narrativismo. O artigo será considerado bem-sucedido se houver demonstrado a complexidade conceitual e histórica da Filosofia Narrativista da História, consideravelmente maior do que comumente suposto.

REFERÊNCIAS

AHLSKOG, Jonas. The Idea of a Philosophy of History. **Rethinking History**. Vol. 22, n. 1, Janeiro, 2018, p. 86-104.

ANKERSMIT, Frank. **A Escrita da História:** a natureza da representação histórica. Trad. Jonathan Menezes et al. Londrina: Eduel, 2012.

ANKERSMIT, Frank. **Giro Lingüístico, Teoría Literaria y Teoría Histórica.** Org. Verónica Tozzi. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2011.

ANKERSMIT, Frank. **Historical Representation.** Stanford: Stanford University Press, 2001.

ANKERSMIT, Frank. **History and Tropology:** the rise and fall of metaphor. Berkley: University of California Press, 1994.

ANKERSMIT, Frank. **Meaning, Truth and Reference in Historical Representation.** Ithaca: Cornell University Press, 2012.

ANKERSMIT, Frank. **Narrative Logic:** a semantic analysis of the historian's language. The Hague: Martinus Nijhoff Publishers, 1983.

ANKERSMIT, Frank. The Necessity of Historicism. **Journal of the Philosophy of History**, Vol. 4, n. 1, 2010, p. 226-240.

ANKERSMIT, Frank. Truth in History and Literature. **Narrative**. Vol. 18, n. 1. Janeiro, 2010, p. 29-50.

ANKERSMIT, Frank & TAMM, Marek. Leibnizian philosophy of history: a conversation. **Rethinking History**, 2016. DOI: 10.1080/13642529.2016.1134931.

AURELL, Jaume. **A Escrita da História:** dos positivismos aos pós-modernismos. Trad. Rafael Ruiz. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência "Raimundo Lúlio", 2010.

AUSTIN, John Langshaw. **How to do Things with Words.** Oxford: the Clarendon Press, 1962.

AYER, Alfred J.. **Language, truth and logic.** Londres: Penguin Books, 1971.

DANTO, Arthur. **A Transfiguração do Lugar-comum:** uma filosofia da arte. Trad. Vera Pereira. São Paulo: Cosac & Naify, 2011.

DANTO, Arthur. **Analytical Philosophy of History.** Cambridge: Cambridge University Press, 1968.

DRAY, William. **Filosofia da História.** Trad. Octávio Silveira da Mota e Leonidas Hegenberg. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

FRYE, Northrop. **Anatomy of Criticism:** four essays. Princeton: Princeton University Press, 1971.

GALLIE, Walter Bryce. **Philosophy and the Historical Understanding**. Nova York: Schocken Books, 1968.

GARDINER, Patrick. **The nature of historical explanation**. Oxford: Oxford University Press, 1955.

HEMPEL, Carl. The function of general laws in History. **The Journal of Philosophy**. Vol. 39, n. 2, Janeiro, 1942, p. 35-48.

23

KANT, Immanuel. **Observações Sobre o Sentimento do Belo e do Sublime**. Trad. Vinícius de Figueiredo. São Paulo: Editora Clandestina Ltda., 2018.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Trad. Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

KUUKKANEN, Jouni-Matti. **Postnarrativist Philosophy of Historiography**. Londres: Palgrave Macmillan, 2015.

KUUKKANEN, Jouni-Matti. The Future of Philosophy of Historiography: reviving or reinventing ? In: BRZECHCZYN, Krzysztof. **Towards a Revival of Analytical Philosophy of History**: around Paul A. Roth's vision of historical sciences. Leiden: Brill Rodopi, 2018.

KUUKKANEN, Jouni-Matti. The Missing Narrativist Turn in the Historiography of Science. **History and Theory**, Vol. 51, n. 1, Outubro, 2012, p. 340-363.

KUUKKANEN, Jouni-Matti. Why We Need to Move from Truth-Functionality to Performativity in Historiography. **History and Theory**, Vol. 54, n. 1, 2015b, p. 226-243.

LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. **A Monadologia e Outros Textos**. Trad. Fernando Luiz Barreto Gallas e Souza. São Paulo: Editora Hedra Ltda., 2009.

MANNHEIM, Karl. **Ideology and Utopia**: an introduction to the sociology of knowledge. Nova York: Routledge, 1954.

MENEZES, Jonathan. **Frank Ankersmit**: a metamorfose do historicismo. 2018. Tese de doutorado - História, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Assis.

MINK, Louis. **Historical Understanding**. Nova York: Cornell University Press, 1987.

MINK, Louis. History and Fiction as Modes of Comprehension. **New Literary History**. Vol. 1, n. 3, 1970, p. 541-558.

OAKESHOTT, Michael. **Sobre a História**. Trad. Renato Rezende. Rio de Janeiro: Topbooks Editora, 2003.

OHARA, João. **The theory and philosophy of History**: global variations. Cambridge: Cambridge University Press, 2022.

24

PAUL, Herman. **Hayden White**: the historical imagination. Cambridge: Polity Press, 2011.

PAUL, Herman & VELDHUIZEN, Adriaan van. A Retrieval of Historicism: Frank Ankersmit's philosophy of History and Politics. **History and Theory**. Vol. 57, n. 1, Março, 2018, p. 33-55.

PEPPER, Stephen c. **World Hypotheses**: a study in evidence. Berkley: University of California Press, 1970.

POPPER, Karl. **A Lógica da Pesquisa Científica**. Trad. Leonidas Hegenberg. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975.

RORTY, Richard. **The Linguistic Turn**: essays in philosophical method. Chicago: University of Chicago Press, 1992.

SCHLICK, Moritz & CARNAP, Rudolf. **Coletânea de Textos** (os Pensadores). Trad. Luiz João Baraúna e Pablo Rubén Mariconda. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

SEARLE, John. **Speech Acts**: an essay in the philosophy of language. Nova York: Cambridge University Press, 1970.

STRAWSON, Peter. **Indivíduos**: um ensaio de metafísica descritiva. Trad. Plínio Junqueira Smith. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

SURKIS, Judith. When was the Linguistic Turn ? A genealogy. **The American Historical Review**. Vol. 117, n. 3, Junho, 2012. p. 700-722.

WALSH, William Henry. **Introdução à Filosofia da História**. Trad. Walternir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

WALSH, W.H.. The Intelligibility of History. **Philosophy**, Vol. 16, n. 1, 1942, p. 128-143.

WHITE, Hayden. **Figural Realism:** studies in the mimesis effect. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2019.

WHITE, Hayden. **Meta-história:** a imaginação histórica do século XIX. Trad. José Laurêncio de Melo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2019.

WHITE, Hayden. **The Content of the Form.** Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1987.

25

WHITE, Hayden. **The Fiction of Narrative:** essays on History, Literature and Theory. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2010.

WHITE, Hayden. **Trópicos do Discurso:** ensaios sobre a crítica da cultura. Trad. Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações Filosóficas.** Trad. José Carlos Bruni. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda., 1999.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus Logico-Philosophicus.** Trad. Luiz Henrique Lopes dos Santos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.